

Desculpa a mão

Lucas M. Carvalho

O entardecer prematuro de inverno não era surpresa. Enquanto atravessavam a sanga, o vento minuano varria a campanha e parecia traspasar as capas dos homens. Era o fim de um longo dia de cavalgada: subiram dos arredores do Alegrete, atravessaram terras sem nome e sem dono, sem encontrar vivente que não fosse uma cabeça de gado perdida do dono ou alguns cães vadios. À noite, chegaram numa estância deserta, talvez saqueada por um bando chimango, ou apenas abandonada pelo medo da guerra iminente.

“Isso aqui já foi um saladeiro, há não muito,” disse Álvares. “Ficamos aqui hoje. Gonzales, tu vá procurar um pedaço de charque, se ainda estiver bom. Os irmãos Silva vão cavar pro fogo, bem aqui na frente.”

Era tudo aberto; a única cerca que se via era a do rebanho. Amarraram os cavalos na lateral da casa e depois vasculharam tudo. O lugar pertencera a estancioneiros pobres que, não importa o fim que tiveram, deixaram para trás apenas parcas roupas, pratos e móveis. Os homens escolhiam seus cantos para pousarem abrigados, enquanto alguns ainda circundavam pelo lado de fora.

“Hemos encontrado três vasijas com água,” disse Cortiza, ao sair para a noite fria. “Dos de los compañeros necesitan dormir ahora.”

“Vou avisar ao Álvares,” respondeu Flores, chairando a faca. “Ele foi escolher uma ovelha pra carnear.”

Na noite densa, azulada, o céu pegava fogo com estrelas. Sentados em roda ampla ao redor do fogo de chão, oito homens exaustos esperavam a costela que assava em crosta de sal, gotejando gordura. O frio mortal fazia com que se enroscassem nos trapos. Um dos Silva preparava o mate, forrando a cuia com erva enquanto a água esquentava na chaleira de ferro.

“Não cansa, essa vida?” disse Flores. “Sair campeando chimangos pelo mundo todo, sem saber a hora da peleja... Pode morrer de repente, balaços se espraiando em cima da gente...”

“Coisas de guerra,” respondeu Álvares. “Um guri não pode ser assim pra sempre.”

“Amanhã a gente sobe mais pros lados de São Borja?” inquiriu Manuel Machado.

“Nordeste. Se junta em Cruz Alta antes de chegar a Passo Fundo.”

“Se eles não descerem sobre nós primeiro, daí não sobra um naco de gente,” resmungou Conselheiro.

“Yo voy a montar guardia,” garantiu Cortiza.

“Não,” respondeu Álvares, “o uruguaio não dorme há mais de dia. González monta guarda”.

O mate passou de mão em mão, néctar quente e amargo, santa dádiva na noite que aos poucos se tornava turva, em prenúncio à geada que desceria pela manhã. Um dos Silva terminou de tomar, roncou a bomba e devolveu ao mateador. Seu irmão era o seguinte na roda, depois o Álvares, o Cortiza, o González. Conselheiro e o polaco estavam sentados mais pro canto. Flores tentava rir um pouco com Manuel Machado. Havia uma conversa tímida, mas boa, que nunca chegava a se tornar alegre por conta do peso do inimigo que encontrariam no dia seguinte, ou talvez no outro, ou talvez nunca.

“Essa gente é boa,” sussurrou Flores para González quando lhe passou a cuia com a mão direita. “Tem homem de tudo quanto é tipo nessas tropas de maragatos... Deixaram suas prendas na querência pra arriscar o pescoço contra os republicanos. No final é tudo questão de valentia, de lenço vermelho no pescoço. Tu já atirou de mosquete? A gente não lembra mais quem é. Não lembra do nosso rincão, da família, de nada. A peleja pulsa junto com o coração, e tu é agora o bando, não pensa, nem tem vontade...”

“Eu imagino o cagaço que dá”, respondeu González, terminando o mate e devolvendo ao Silva. Depois se dirigiu ao Cortiza: “Escucha, uruguayo. Mantenga los ojos en el norte. No me quiero morir sin antes llevarme uno de ellos al infierno.”

Após a refeição, dormiram abraçados nas carabinas.

...

Aconteceu no dia seguinte. O cavalo baio de Flores, que era o terceiro na fila, relinchou quando um tiro ecoou pela campina.

“De onde veio isso?” perguntou González, mas Álvarez apenas pediu silêncio.

O pampa vasto, com poucos bosques, que pareciam moitas, cintilava branco de gelo. O trotar leve dos cavalos, retomado aos poucos, rangia na grama endurecida. Alguém havia disparado muito abaixo, talvez do meio das árvores espinhosas. Os homens de Álvares empunhavam as armas com cautela.

“Foi de longe. Ele nunca vai acertar de lá.”

“A gente avança?” perguntou um dos Silva.

“Devagar. Acompanha meu cavalo. Sem piscar o olho.”

O sol da manhã derretia a geada. Conforme a névoa se dissipava, o coração de Flores batia mais forte, sentindo que eram aos poucos expostos à vista inimiga. Encontraram abrigo num barranco escarpado, onde amarraram os cavalos e se posicionaram com as armas. A espera foi longa, apenas o som da respiração, o frio enrijecendo as juntas e lacrimejando os olhos, uma única gota de suor, fruto da ameaça da morte, escorrendo pela lateral do rosto.

“Eu e José Silva vamos dar a volta,” disse Álvares. “Se algo se mexer, atirem pra matar.”

Os dois, abaixados, prosseguiram sem fazer barulho. Era por volta do meio-dia quando o segundo tiro foi disparado, de algum lugar bem próximo de onde viera o primeiro. O estrondo se espalhava pelo pampa várias e várias vezes, repetindo-se.

Flores, segurando a carabina com força tal que poderia atravessá-la, arriscou o primeiro tiro de cá, arrancando lascas de um tronco longe. A fúria do disparo vibrou nos braços e na sua caveira.

“Que el Señor nos proteja.”

Manuel Machado e Ramón Silva correram pra frente, numa distância como trinta braças, trocando tiros com os homens de lenço branco que começavam a se revelar. Flores atirou de novo, e de novo, e se surpreendeu quando precisou recarregar, pois sua carabina suportava sete munições, e ele não percebera que atirara tanto. Correu e se jogou pra frente, as bombachas imundas de mato molhado. Deixou o chapéu cair pra trás e procurou abrigo. Mais recuado estava Conselheiro, que ao tentar também correr foi acertado por um tiro nos dentes, que se espatifaram em sangue. Flores instintivamente procurou o Santo Rosário que levava no bolso da camisa, enroscou na mão direita e voltou a segurar com força o gatilho. Viu o inimigo se mover, atirou duas vezes, mas era longe demais, uma imensidão que devorava suas balas. Olhou para trás, para Conselheiro, o corpo caído do jeito errado, o rosto virado em frangalhos.

A troca de bala não findava. Precisou recarregar de novo, o som rangente do ferro roçando, as cápsulas em encaixe. Ramón Silva, cinco metros à frente, parecia ter acertado um deles. Flores quis avançar, mas uma bala ou outra passaram ferozes, o barro do chão arrancado, grama pelo ar. Mais atrás, o uruguaio travou em medo, sem avançar nem recuar. Cunha, homem quieto, mas melhor atirador do bando, estava ferido no braço. Dois ou três chimangos caíram, talvez mortos, talvez se fingindo de morto – mas outros surgiam sem parar. Sem parar. Flores sentiu um aperto no peito e um amargor nos lábios quando percebeu que uma comitiva inteira saía do esconderijo nas árvores pro confronto.

Só se percebe a importância de um líder quando ele cai, e puxa todos os ânimos junto. Álvares foi alvejado no joelho esquerdo enquanto corria, apesar de estar num declive protegido... Flores se lançou à frente, aos tropeços, correu ao comandante, tirou o lenço vermelho do pescoço e amarrou com força em cima da ferida empapada.

“Senhor... Segura aqui... Com força...”

“Flores, pega minha arma,” instruiu Álvaro, ofegante. “Esquece essa machucadura.”

“O tiro, comandante, não veio dos inimigos... Ele partiu do lado de cá...”

Álvaro assentiu com vigor.

“É uma trampa, emboscada... Eles sabiam que a gente ia tá aqui...”

“O senhor viu quem atirou?”

Álvares assentiu de novo. Flores atirou às cegas para amedrontar o inimigo, depois se debruçou. O comandante sussurrou o nome do traidor em seu ouvido, e então deu ordens específicas sobre como proceder. Flores repetiu as instruções, para se certificar de que entendera direito.

“Faz isso, e o Manuel Machado vai saber o que fazer. Agora te arranca daqui, Flores... Tô baixado de jeito. Não posso correr, tu não pode me carregar... Recua com eles e me deixa pra trás... Leva minha arma que é melhor.” Puxou o cano do rifle contra o próprio queixo, firmando a mão de Flores: “Me dá o tiro de misericórdia...”

“Não me pede isso!”

Álvares, já enfraquecido, estremeceu de frio.

“Se adianta com isso... Se os chimangos descem a lombo e me pegam, eles me castram... me humilham... me degolam...”

...

Sete dos dez homens chegaram de novo à estância mais ao sul. O buraco com a lenha queimada e os restos da ovelha ainda estavam em frente à casa. Flores entrou e, enquanto os homens lá fora prendiam os cavalos depois de sete horas de cavalgada e saíam para escolher mais um animal pra carrear, tirou a camisa e pra se limpar. Usou um pano sujo, molhado numa botija, pra esfregar o pescoço e o rosto, encrustados de sangue seco. Não tinha pressa. Procurou uma camisa nova na casa, não encontrou, vestiu a mesma, manchada, e pôs-se para fora.

“Hoje eu preparo o mate.”

Já era noite, o fogo estava no começo, uma brasa concentrada na parte de baixo da lenha. Pegou uma medida de erva, com muito cuidado forrou a cuia, colocou a água fria, sugou, cuspiu fora. Nunca teve tanto capricho em matear. Colocou a água quente, sorveu a primeira, amarga, forte, que esquentou a alma e acalmou os nervos. Serviu de novo e passou, com a mão direita, para Manuel Machado.

“Devemos rezar pelos companheiros,” disse o polaco, fumando um pito no seu canto. “Seu irmão, Silva, eu sinto muito. Muito amigo meu. E Conselheiro também era homem bom.”

“E o comandante José Álvares, homem sacudido, o melhor de nós,” disse Machado, tirando chapéu. “Daqui pra frente eu lidero.”

“Sim, senhor,” respondeu José Silva, que acabara de perder o irmão, e olhava o fogo como se estivesse enfeitado.

A cuia voltou pra mão de Flores, que encheu de novo e passou, com a mão direita, pro uruguaio. Cada homem abraçado na sua carabina; um ou dois, entre eles o Cunha, acabaram dormindo ao relento de tamanho cansaço.

“Tu te acovardou, Cortiza,” acusou González. “Bem no meio da luta. Parece até que num tá sendo bem pago.”

O uruguaio, quieto, continuou a tomar seu mate. Manuel Machado falou de novo:

“Os chimangos sabiam que a gente subia por aqueles lados. A pandilha tava pronta pra peleja. Eu penso que um alarife nos entregou. Um mundéu, traição.”

Descia uma garoa, como um véu de seda. O polaco foi mexer no fogo, cortou uma prova da carne e viu que estava boa. Roeram os ossos com gosto, ovelha jovem, macia e gorda, bem assada na fumaça. O próprio polaco tomou o mate seguinte. Sorveu com gosto, rápido, roncou a bomba. Flores recebeu a cuia de volta, serviu de mais água quente. Pro próximo, o González, estendeu o chimarrão com a mão esquerda. Seu olhar

se encontrou com o de Manuel Machado e se demoraram um instante, enquanto González, gaúcho dos lados de Livramento, esquentava o corpo com a bebida, gole por gole, cheio de gratidão.

A chuva ficava mais forte. Fria de cortar a alma. Quando fartos da carne, precisando de descanso, foram pra dentro, e Manuel Machado fez guarda.

...

No meio da noite uma algazarra perturbou a casa. Manuel Machado arrastou González pelos cabelos, desarmado, até o lado de fora. Posto de joelhos sob a ponta das armas de Silva e Cortiza, implorava a chance de advogar por si mesmo.

“Não sou eu que te acuso, velhaco. É aquele em quem meteste bala ontem.”

O próprio Flores esfregou a chaira na faca até que brilhasse e entregou ao comandante. Manuel Machado fez o movimento deslizante de orelha a orelha, por baixo da cara de González. Foi uma degola limpa, rápida, até que o corpo tombasse ao chão estremecendo e inundando a terra com um jorro de sangue, pulso por pulso, num ruído engasgado.

NOTA: Até hoje, nas tradicionais rodas de chimarrão no Rio Grande do Sul, há a norma de etiqueta de não se usar a mão esquerda para passar a cuia. Caso a direita esteja ocupada, deve-se dizer “desculpa a mão”, e a resposta deve ser “é a do coração”. A origem dessa tradição é incerta, porém em lugares pontuais, das fontes certas, escuta-se ter sido outrora um código para delatar traidores na Revolução Federalista, ou da Degola, de 1893.